

Gastroplastia e a reconstrução de identidade

Prefácio

Ainda são recentes as memórias de quando Rogério entrou em minha sala, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, perguntando-me se aceitava orientá-lo ao longo do processo de elaboração de sua dissertação de mestrado. Àquela época, ele havia ingressado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFG, com o objetivo de estudar a exploração do trabalho infantil em Goiânia, mas, ainda no primeiro semestre do curso, já havia percebido que estava desmotivado para desenvolver este projeto de investigação. Era abril de 2003 e tudo que Rogério sabia é que tinha uma nova área de interesse acadêmico – o corpo e suas representações sociais.

Minha primeira sugestão, no contexto da nova relação de orientação que ali começou a estabelecer-se, foi que ele procurasse ler todo material bibliográfico que encontrasse sobre corpo, ávida e vorazmente. De início, a recomendação era para não se preocupar com a definição a priori de um objeto de pesquisa específico, mas para ficar atento especialmente aos “vazios temáticos” encontrados, ou seja, às questões socialmente relevantes que ainda não estavam sendo investigadas largamente no campo das ciências sociais. Passados quase dois meses, Rogério voltou a procurar-me, agora com uma ideia clara e um objetivo a alcançar: estudar o processo de reconstrução identitária de mulheres que se submeteram a cirurgias de redução de estômago. Dois anos depois a dissertação de mestrado foi defendida e agora transformada em livro, num trabalho pioneiro de reflexão sobre os significados sociais da obesidade e sobre os impactos da inaceitação social da gordura na vida de mulheres cujos corpos não se enquadram no modelo hegemônico de saúde e beleza.

A partir de entrevistas semiestruturadas com mulheres que se submeteram à gastroplastia há mais de um ano, Rogério buscou identificar as consequências desta intervenção médica sobre as representações identitárias de suas entrevistadas, todas integrantes de camadas médias urbanas e residentes em Goiânia. Seu ponto de partida foi investigar o lugar da obesidade na vida daquelas mulheres e as implicações sociais decorrentes da busca de aquisição do status de “nova magra”. Trata-se, é importante dizer, de um estudo em que o pesquisador possui grande empatia e sensibilidade ao lidar com seu tema de investigação, mas não faz parte do grupo estudado. Ou seja, Rogério é um homem magro, que não se submeteu a uma cirurgia de redução de estômago. Estas duas constatações são importantes para explicitar o lugar de observação e escrita do autor. Num exercício de alteridade radical, ele busca, em suas entrevistadas, elementos para a compreensão do processo de reconstrução identitária de pessoas obesas. E faz isso em um contexto paradoxal: nunca antes no planeta a gordura foi socialmente tão rechaçada ao mesmo tempo em que há um número cada vez maior de gordos, de todos os sexos, idades, classes sociais, níveis de escolaridade, nacionalidades, religiões, orientações sexuais, raças/etnias etc. Talvez não seja demais lembrar que, segundo estimativas da Organização Mundial de Saúde, há 300 milhões de obesos no mundo (17 milhões só no Brasil), com um terço deles vivendo nos países em desenvolvimento. Tais números levaram a OMS a incluir a obesidade entre os dez principais problemas de saúde pública do mundo, definindo-a como epidemia.

Com uma linguagem clara e longe dos hermetismos que caracterizam alguns trabalhos acadêmicos, Rogério mapeia o contexto de sua pesquisa qualitativa a partir de uma apresentação geral das mulheres entrevistadas. Em seguida, problematiza as representações da obesidade na sociedade contemporânea, por meio da análise da maneira como determinantes culturais modelam a construção de padrões estéticos corporais. Na sequência, dedica-se a uma compreensão mais detalhada da obesidade severa como fonte de estigma e

preconceito e, na última parte do livro, produz uma reflexão sobre como a aquisição de um novo corpo e de uma nova imagem de si afeta a relação das mulheres com o entorno social que as envolve – familiares, amigos, colegas de trabalho, entre outros.

Não resta dúvida de que a obesidade, especialmente em sua forma severa, além de ser uma questão médica, cada vez mais ocupa lugar central nos debates sobre a cidadania e direitos humanos na contemporaneidade. Muito além da realização do desejo de comprar roupas em lojas que não sejam especializadas em tamanho extra G ou do temor de não encontrar uma cadeira suficientemente forte para suportar o peso de uma pessoa com mais de 150kg, o que está em jogo é uma disputa política em torno da noção de humanidade. Afinal, como diz Rogério, “os corpos que são aceitáveis socialmente só existem em relação aos corpos daqueles indivíduos que se desviam dos padrões considerados como ideais”. Ou seja, o processo de construção identitária de grupos estigmatizados e socialmente desprezados é a contraface da afirmação da normalidade e exclusiva humanidade dos homens-brancos-heterossexuais-escolarizados-ricos-bo-nitos e, acrescente-se, magros.

Num cenário em que médicos e nutricionistas geralmente detêm o monopólio do conhecimento autorizado a prescrever ideais de distribuição de gordura corporal, trabalhos de investigação como o de Rogério deslocam o foco e oferecem oportunidade de fala para as pessoas que vivem os dramas reais e cotidianos decorrentes da rejeição social e da lipofobia. A partir de instrumentos e categorias analíticas próprios às ciências sociais, este livro proporciona ao leitor um olhar delicado e atento sobre o universo das pessoas que vive(ram) no mundo extraordinário da transgressão alimentar e não medem esforços diante da possibilidade-desafio de alterar sua própria “natureza”, reconstruindo a anatomia e a fisiologia de seus corpos, em busca de aceitação social plena. Mas isso, sem dúvida, não é apenas uma questão de escolha individual. A palavra está com Rogério.

Luiz Mello